

Os cristais quebrados

Jairo Jair Martins
Márcia Rodrigues Gonçalves
UFRGS

*Der Mann ist einem grossen Geist
Und ist so klein von Taten!*
Anne Frank

Resumo: A literatura reflete, pela pena do autor, acontecimentos históricos e cotidianos que os livros didáticos não conseguem alcançar. No que tange à Segunda Grande Guerra, narrativas pessoais ainda comovem os leitores por retratarem o sofrimento dos perseguidos. Ao mesmo tempo, revelam a selvageria a que pode chegar o ser humano a ponto de aprisionar, sevir e matar seus semelhantes, na contramão de todos os avanços tecnológicos adquiridos pela racionalidade.

Palavras-chave: Guerra. Literatura. Xenofobia.

Abstract: *Literature reflects, through the author's pen, historical and everyday events that textbooks cannot reach. Regarding the Second World War, personal narratives are still able to move readers by portraying the suffering of the persecuted. At the same time, they reveal the savagery that humans can reach to the point of imprisoning, outraging and killing their fellow creatures, against all the technological advances acquired by rationality.*

Keywords: *War. Literature. Xenophobia.*

Introdução

O *diário de Anne Frank* foi incluído na lista *Memória do Mundo*, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), que inclui arquivos e documentos de valor excepcional² (FOLHA UOL, 2009). Conforme o título já anuncia, trata-se de relatos cotidianos de uma menina que ficou enclausurada com sua família e com outras poucas pessoas em um prédio em Amsterdã, capital da Holanda, ocupada pelos nazistas em 1940. Hoje a casa onde a família se escondeu em uma divisão secreta, durante dois anos, e Anne escreveu seu

¹ Grande é o espírito do homem e mesquinhos seus atos.

² O Programa *Memória do Mundo* é um projeto da UNESCO iniciado em 1992 com o objetivo de identificar e preservar documentos e arquivos de grande valor histórico. Entre os documentos preservados com apoio do programa encontram-se a partitura original da 9ª sinfonia de Beethoven e a Bíblia de Gutenberg, ambos em arquivos alemães. O primeiro documento em língua portuguesa que foi incluído no registro deste programa foi a *Carta* de Pero Vaz de Caminha (WIKIPEDIA, 2013).

diário, é agora “Fundação Anne Frank”. O lema dessa organização é lutar contra elementos e membros da sociedade que pretendam implantar a opressão, a tirania e os preconceitos (FOLHA DE SÃO PAULO, 1985). Esse diário tornar-se-ia um dos maiores documentos sobre o holocausto.

O diário de Anne Frank: um testemunho do antissemitismo

Holocausto é “uma palavra de origem grega que significa ‘sacrifício pelo fogo’. O significado moderno do termo é o da perseguição e o extermínio sistemático, apoiado pelo governo nazista, de cerca de seis milhões de judeus” (ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO). O povo germânico acreditava que os nazistas levantariam o país e, em abril de 1933, os cidadãos já eram conclamados a boicotarem os estabelecimentos pertencentes aos judeus. Em 1934, com a morte do presidente alemão³, Hitler criou o Terceiro Reich (império) e proclamou-se *Führer* (líder), cargo que lhe daria amplos e irrestritos poderes (SANTOS). “O país se nazificou. O regime eliminou todos os inimigos, políticos, ideológicos ou raciais” (ARRUDA; PILETTI, 1996, p. 291). Os judeus, amplamente perseguidos, tiveram sua liberdade cerceada; perderam os direitos civis, o acesso a lugares públicos e o casamento de judeu com “ariano” passou a ser punido como crime de profanação racial (ARRUDA; PILETTI, 1996, p. 296).

Alguns judeus alemães, de forma desesperada, dirigiam-se a países próximos, onde, pouco tempo depois, as tropas alemãs se instalavam, dominando a população local e, mais uma vez, caçavam-nos. Em 1939, a Polônia foi invadida, cuja operação foi denominada de *Fall Weis*, marcando o início da II Guerra Mundial. Nesse país foram construídos os mais famosos e tétricos locais de extermínio humano: Auschwitz-Birkenau⁴. Foram várias as construções com esse objetivo, pois a prisão em massa de judeus não encontrava locais suficientes para “abrigá-los”. Igualmente, após a ocupação da Polônia, iniciou-se uma sucessão de invasões a diversos países, dentre eles, Dinamarca, Bélgica, Noruega e França. Aos Países Baixos (Holanda), os alemães chegaram em 1940, justamente para onde se dirigira a família Frank seis anos antes.

Em virtude do cenário pouco promissor aos judeus pela ascensão de Adolf Hitler em 1933, Otto Frank emigrou da Alemanha para a Holanda em 1934, junto com sua esposa (Edith) e as duas filhas – Margot e Annelies Marie Frank, não imaginando que os nazistas os alcançassem.

³ Nesse período, quem governava a Alemanha era Paul von Hindenburg (1925-1934), mas, paralelamente, cresciam as adesões dos alemães às ideias defendidas pelo Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (**N**ationalsozialist) – do qual Hitler era o líder – cuja abreviação *Nazj* seria a precursora do termo *nazismo* (ARRUDA; PILETTI, 1996, p. 293). Já envelhecido e doente, em 1933, Hindenburg ofereceu o cargo de chanceler a Adolf Hitler.

⁴ O complexo Auschwitz-Birkenau consistia em Auschwitz I (*Stammlager*, campo principal e centro administrativo do complexo); Auschwitz II-Birkenau (campo de extermínio), Auschwitz III-Monowitz, e mais 45 campos satélites (WIKIPEDIA).

Na capital holandesa, dirigia sua empresa e, durante os dois primeiros anos de ocupação, conseguiam viver um cotidiano razoavelmente suportável; entretanto, as limitações impostas aos judeus da Alemanha alcançaram, igualmente, aos da Holanda.

Em 1938, houve um *pogrom*⁵ nacional, também conhecido como a *Noite dos cristais quebrados*. Movimentos antissemitas atingiram toda a Alemanha e a Áustria, destruindo símbolos judaicos, invadindo sinagogas, casas comerciais e residências de judeus, saqueando e destruindo tudo que se encontrava pela frente. Em 1º de janeiro de 1939, os judeus foram obrigados a adicionar nos seus documentos o nome de Israel para os homens e Sarah para as mulheres (ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO). A reação dos alemães, quando convocados a perseguirem os judeus, remonta ao que escreveu Freud, em *Psicologia das massas e a análise do eu* (1921, p. 65): “quando indivíduos se reúnem num grupo, todas as suas inibições individuais caem e todos os instintos cruéis, brutais e destrutivos, que neles jaziam adormecidos, como relíquias de uma época primitiva, são despertados para encontrar gratificação livre”. Após esse episódio, a “arianização”, ou seja, a transferência das propriedades e dos bens dos judeus para os arianos tornou-se recorrente.

Percebendo a ameaça crescente à sua família, Otto Frank preparou um local secreto para esconderem-se. Tratava-se do escritório onde trabalhava, mas o esconderijo ficava no andar superior, ao qual somente algumas pessoas tinham acesso. Aos poucos, a família Frank foi levando para lá viveres e seus pertences, pois, quando houvesse uma ameaça mais concreta, todos poderiam ficar a salvo. Em 1942, Margot, a irmã mais velha de Anne, foi intimada pela Polícia Secreta para ser deportada à Alemanha. A Família Frank resolveu se insular até que a guerra e/ou a perseguição contra os judeus acabassem. Viveriam em companhia de outra família, os Van Daans e seu filho Peter, mais Dussel, um dentista; todos perseguidos e passíveis de deportação aos campos de concentração. Em 04 de agosto de 1944, entretanto, foram denunciados e descobertos pela Polícia de Segurança alemã, acompanhada por holandeses nazistas (FRANK, 1974, p. 233).

No “Anexo Secreto”, andar superior do prédio que se localizava na Rua Prinsengracht, nº 263, em um tranquilo canal de Amsterdã, esse grupo de refugiados tinha contato com o mundo exterior por intermédio de quatro empregados fiéis de Otto que trabalhavam nesse mesmo edifício: Miep colega de trabalho de Otto desde 1933 e Henk, com quem se casara há pouco tempo, mais Elli, Kraler e Koophius (FRANK, 1974, p. 20). Seus benfeitores, conforme os denominava Anne, eram holandeses, mas não eram judeus, portanto, podiam circular à vontade pela cidade sitiada:

⁵ *Pogrom* é uma palavra russa que significa “causar estragos, destruir violentamente”. Historicamente, o termo refere-se aos violentos ataques físicos da população em geral contra os judeus, tanto no império russo como em outros países. Acredita-se que o primeiro incidente desse tipo a ser rotulado *pogrom* foi um tumulto antissemita ocorrido na cidade de Odessa em 1821 (ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO).

“Foram eles que nos ajudaram a vencer tempestades, e espero que nos conduzam a um porto seguro. Se forem descobertos, terão de compartilhar do destino dos muitos que estão sendo procurados” (1974, p. 131).

Utilizando-se do mercado negro, compravam a alimentação e os objetos de que seus protegidos necessitavam: “o leiteiro arranja cartões de racionamento clandestinos, o empreiteiro entrega queijos [...] nosso padeiro arranjou linha para costurar” (1974, p. 197). A menina foi dia a dia anotando seu cotidiano em um diário, o qual ela denominou de Kitty, todas as tragédias desse grupo e da população de Amsterdã, que sua família acompanhava por intermédio dos relatos de seus benfeitores ou pelos jornais que conseguiam ler. A vida estava difícil para todos os holandeses: “há roubos, assassinatos, arrombamentos” (p. 197), crianças quebravam as janelas das casas, roubavam tudo o que estava a seu alcance (p. 169):

Lá fora as coisas estão terríveis. [...] Famílias são separadas. Homens, mulheres e crianças são separados. Crianças voltam da escola e não encontram seus pais. Mulheres voltam das compras e dão com a casa fechada e a família desaparecida. Os holandeses também andam apreensivos, pois seus filhos estão sendo mandados para a Alemanha. O medo é geral (FRANK, 1974, p. 61).

Tendo em vista que os demais funcionários do prédio não sabiam da existência dessas famílias que estavam escondidas no andar superior, havia muitas restrições: “Temos de falar baixinho e pisar de leve durante o dia para que o pessoal do depósito não nos ouça” (FRANK, 1974, p. 26). “Durante o dia não pode aparecer a mínima fresta entre as cortinas, mas à noite não há perigo (p. 55). O cotidiano revelado a Kitty era cruel e maçante. Em certas ocasiões, faltavam alimentos (quando seus amigos estavam impossibilitados de atendê-los) e as refeições eram escassas e repetitivas. No relato do dia 08 de maio de 1944, a menina conta que comeram apenas duas colheres de mingau e que: “entra dia sai dia só comemos espinafre malcozido (para conservar as vitaminas) e batatas meio estragadas [...] alface cozida ou crua e espinafre e mais espinafre” (p. 200).

Após a prisão de todo o grupo, seus integrantes tiveram destinos diversos, mas igualmente infelizes. O Anexo Secreto foi saqueado e destruído. No dia 03 de setembro, após a estada em Westerbork (principal campo de concentração alemão na Holanda), foram enviados em vagões de gado a Auschwitz. Miep e Elli, após severo interrogatório, quando negaram qualquer auxílio aos Frank, foram liberadas e salvas; Kraler e Koophius ficaram em campos de concentração holandeses durante alguns meses, mas foram libertados. Van Daan foi mandado para uma câmara de gás; Otto foi liberado, em 27 de janeiro de 1945, quando as forças soviéticas libertaram o campo-hospital onde ele estava; Peter Van Daan foi liberado de um campo à medida que os russos avançavam, mas dele não se teve mais notícia; a mãe de Anne morreu em 05 de janeiro de 1945; as duas meninas foram enviadas para Bergen-Belsen, na Alemanha, dois meses após a morte da mãe.

Em fevereiro, ambas contraíram tifo. Após a morte de Margot, Anne morreu em princípio de março (FRANK, 1974, p. 233-234). O pai de Anne, único sobrevivente dessa caçada, recebeu o diário da filha, em 1945, quando retornou à Holanda. Essas memórias foram publicadas, pela primeira vez, em 1947.

O diário como literatura de testemunho

O diário, em tese, é um texto que o autor escreve a si mesmo sem a intenção de que seus escritos sejam publicados. Serve como a perpetuação de fatos que não quer olvidar ou, ainda, como depositário fiel de seus dramas e anseios mais íntimos. Anne Frank pergunta-se: “Quem, além de mim mesma, lerá estas cartas? Quem me confortará senão eu mesma?”. (1974, p. 47). Ao mesmo tempo, a menina duvida de que, no futuro, alguém possa se interessar “pelas minhas baboseiras” (p. 183). Enganava-se, porém, pois suas memórias trouxeram ao público dados que a História oficial não conseguiu registrar. Dramas individuais, como os que revelou ao mundo, passaram despercebidos pela imprensa e/ou foram negados por interesses outros, que ocultaram, enquanto foi possível, o sofrimento dos civis. Vindo à tona tão logo a Segunda Grande Guerra terminara, o *Diário de Anne Frank* foi lido por milhões de pessoas.

Anne Frank, em 12/06/1942, dois dias antes de iniciar seus apontamentos, escreveu no diário: “Espero poder confiar inteiramente em você, como jamais confiei em alguém até hoje, e espero que você venha a ser um grande apoio e um grande conforto para mim” (FRANK, 1974, p. 7). Essa narrativa difere-se da autobiografia, pois Anne não tinha a intenção de contar sua vida a alguém, mas registrar dia a dia as vivências no esconderijo, que supunha serem rápidas. “Até que seria engraçado se, dez anos depois da guerra terminada, nós, judeus, contássemos nossa vida aqui, o que comíamos e sobre o que falávamos. Embora eu lhe conte muita coisa, você ainda sabe muito pouco sobre nossas vidas” (p. 169), anotação que revela que a menina filtrou informações e o que anotou passou por suas idiossincrasias e sua censura.

Os registros podem ser orais ou escritos. Paul Ricœur, em *A Memória, a história, o esquecimento* (2007), alerta que os excessos de memória ou de esquecimentos são inquietantes. Há que se distinguir o perigo entre a memória voltada para a realidade, para aquilo que realmente aconteceu e a memória imaginada. Esta última pode ser evocada de forma intencional ou não, mas que conduz ao irreal, ao fantástico, ao utópico, à ficção, ou seja: acrescentam-se ou suprimem-se acontecimentos. Na busca de uma simplificação à sua linha de raciocínio Ricœur recorre a Sócrates:

Imagino que nossa alma se assemelha a um livro. A memória, no seu encontro com sensações e com as reflexões que esse encontro provoca, parece-me então, se é que posso dizê-lo, escrever discursos em nossas almas e, quando uma reflexão inscreve coisas verdadeiras, o resultado em nós são uma opinião

verdadeira e discursos verdadeiros. Mas, quando aquele escrevente que há em nós escreve coisas falsas, o resultado é o contrário à verdade (RICCEUR, 2007, p. 33).

Para dar consistência do que são esses “rastros”, Ricceur recorre a Marc Bloch: “é aquilo que implica entre o presente e o passado”. É compreender o presente pelo passado. É graças a essa dialética – compreender o presente pelo passado e, correlativamente compreender o passado pelo presente – que a categoria de testemunho entra em cena na condição de rastro do passado no presente. Ricceur fecha então a sua linha de raciocínio: “ocorre então que o historiador não é aquele que faz falar os homens de outrora, mas aquele que os deixa falar. Então o documento remete ao rastro, e o rastro ao acontecimento” (RICCEUR, 2007, p. 192).

Em *Tempo e narrativa*, Paul Ricoeur⁶ lembra que o conhecimento histórico repousa sobre o conhecimento do outro, não sendo uma ciência propriamente dita, mas apenas um conhecimento de fé, que repousa sobre o historiador, na medida em que a história é uma aventura espiritual na qual a personalidade do historiador está totalmente envolvida. “Este diário tem um grande valor para mim, pois em muitos trechos é um verdadeiro livro de memórias; em outras páginas, porém, eu poderia escrever ‘passado e esquecido’” (FRANK, 1974, p. 116). O leitor, ao se apropriar dessas memórias, revive o cotidiano da Família Frank, podendo testemunhar eventos ocorridos outrora. Conforme comenta Regina Zilberman: “As memórias consolidam-se na qualidade de gênero literário, permitindo ao escritor proceder ao retrospecto de sua existência, enquanto testemunha fatos e personalidades da vida pública de seu tempo” (ZILBERMAN, 2012, p. 220).

Estando o historiador implicado no conhecimento histórico, este não pode se propor a realizar a tarefa impossível de reatualizar o passado. Impossível por dois motivos. Primeiramente a história só é conhecimento pela relação que estabelece entre o passado vivido pelos homens de outrora e o historiador de hoje. O conjunto dos procedimentos da história faz parte da equação do conhecimento. Além disso, se a vivência passada nos fosse acessível, não seria objeto de conhecimento, pois, quando era presente, esse passado era como nosso presente, confuso, multiforme, ininteligível. Ora, a história via a saber, a uma visão ordenada, estabelecida sobre cadeias de relações causais ou finalistas sobre significação e valores (RICOEUR, 2010, p. 163)

É o escritor imaginando-se leitor, desejando que as imagens, tanto de um como de outro sejam exatas, recíprocas, e, sobretudo, sejam congruentes. Robert Escarpit, em *Lo literário y ló social*, complementa:

⁶ Em *A memória, a história, o esquecimento*, a editora Unicamp denomina o autor como Paul Ricceur. Em *Tempo e narrativa*, editado pela Martins Fontes, o sobrenome do autor vem grafado como Paul Ricoeur. A comprovação de que as obras são do mesmo autor fica evidenciada em *A memória...*, pois Paul apresenta citações de *Tempo e narrativa* como sendo suas.

Cuando el escritor y el lector son contemporáneos o compatriotas, estas mitologías se nutren de las mismas fuentes y se construyen a partir de los comentarios de la crítica o de la información general. Puede llegar a suceder que entren en consonancia y se alimenten la una de la otra, creando un fenómeno cíclico al efecto Larsen en electroacústica (ESCARPIT, 1974, p. 29).

Mas não é apenas o aspecto estético da obra que entra em jogo, conforme explica Regina Zilberman, em *Estética da recepção e história da literatura* (2009). Inclui-se, nesses relatos, a experiência de vida do leitor, porque entre a leitura de uma obra e o efeito pretendido ocorre o efeito de compreensão, exigindo do leitor não só a utilização do conhecimento filológico, mas de todo o seu conhecimento de mundo acumulado. Para isso, o conjunto de referências também é regido pelas convenções elencadas por Zilberman, obedecendo à seguinte ordem:

Social, pois o indivíduo ocupa uma posição na hierarquia da sociedade; intelectual, porque ele detém uma visão de mundo compatível, na maioria das vezes, com seu lugar no espectro social, mas que atinge após completar o ciclo de sua educação formal; ideológica, correspondente aos valores circulantes no meio, de que se imbuíu e dos quais não consegue fugir; linguística, pois emprega um certo padrão expressivo, mais ou menos coincidente com a norma gramatical privilegiada, o que decorre tanto de sua educação, como do espaço cultural em que transita (ZILBERMAN, 2009 p. 2).

As palavras de Zilberman são avaliadas por Gilbert Mury, em *Sociología Del público literário, El concepto de personalidad de base y la convergencia de los procedimientos de investigación*, especialmente na relação entre o indivíduo e a sociedade, tendo como base pensamentos de Kardiner:

La existencia de ciertos públicos específicos autoriza entonces a admitir que la historia personal de sus miembros, por lo tanto de la estructura de su yo, se ha construido sobre la base de relaciones análogas con el entorno social. [...] Kardiner, em su reflexión sobre las sociedades primitivas, rebasa el psicologismo freudiano: admite que el niño, desde su nacimiento, vive y se constituye en una serie de relaciones a las “instituciones primarias”, Es decir, a las condiciones sociales de toda disciplina, de toda seguridad, de todo cambio afectivo. Las reglas de existencia que el niño encuentra la estructura de la familia, los sistemas de normas y valores, el modo aceptado de alimentación (y con frecuencia la insuficiencia de ésta) inducen un cierto tipo de comportamiento e introducen en consecuencia ciertas analogías constantes entre las conductas y los caracteres individuales (MURY, 1974, p. 211).

Baseando-se nas afirmações acima, chega-se a Jauss, em *A estética da recepção: colocações gerais*, publicação em que esse autor acentua que, do historicismo até agora, a investigação científica da arte tem incansavelmente instruído sobre a tradição das obras e de suas interpretações. Com base em uma gênese objetiva e subjetiva, hoje se pode reconstruir, com mais facilidade, o lugar de uma obra em seu tempo, sua originalidade em contraste com as fontes e os antecessores, mesmo

até sua função ideológica, do que a experiência daqueles que, na atividade produtiva, receptiva e comunicativa, desenvolveram a práxis social, da qual as histórias da literatura e da arte sempre nos transmitem o produto já objetivado. Jauss complementa:

A experiência estética não se inicia pela compreensão e interpretação do significado de uma obra; menos ainda pela reconstrução da intenção de seu autor. A experiência primária da obra de arte realiza-se na sintonia com seu efeito estético, isto é, na compreensão fruidora e na fruição compreensiva. Uma interpretação que ignorasse esta experiência estética primeira seria própria da presunção do filólogo que cultivasse o engano de supor que o texto fora feito, não para o leitor, mas sim, especialmente para ser interpretado. Disso resulta a dupla tarefa da hermenêutica literária: diferenciar metodicamente os dois modos de recepção. Ou seja, de um lado aclarar o processo atual em que se concretizam o efeito e o significado do texto para o leitor contemporâneo e, de outro, reconstruir o processo histórico pelo qual o texto é sempre recebido e interpretado diferentemente, por leitores de tempos diversos. A aplicação, portanto, deve ter por finalidade comparar o efeito atual de uma obra de arte com o desenvolvimento histórico de sua experiência e formar o juízo estético, com base nas duas instâncias de efeito e recepção (JAUSS, 1979, p. 68-69).

Márcio Seligmann-Silva considera que “a uma era de catástrofes corresponde um tempo de testemunhos” (SELIGMANN-SILVA, 2007, p. 33). O mesmo autor, em *Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas*, considera que tais revelações, embora absolutamente necessárias, são também um desafio, “uma espécie de picareta que poderia derrubar esse muro, permitindo que o sobrevivente inicie seu trabalho de religamento com o mundo, em uma reconstrução de sua causa. Narrar o trauma, portanto, tem em primeiro lugar este sentido primário de desejo de renascer” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 66).

A literatura de testemunhos denota uma necessidade de contar “aos outros”, como forma de libertação dos próprios fantasmas, que, de certa forma, mesmo depois de alcançada a liberdade, continuam a dilacerar o corpo e, principalmente, a mente daqueles que em um determinado tempo de suas vidas foram vítimas. Da mesma forma, Anne responde aos leitores os motivos da quase ausência de reação dos judeus frente ao que acontecia nos campos de concentração. Por que vocês não reagiram? Por que vocês não fugiram? Não há como reagir ou escapar quando o corpo e a mente já estão combalidos, quando se falam línguas diferentes, quando se está muito distante da pátria e já se sabe de antemão que o apoio externo praticamente inexistente. O que resta é apenas tentar sobreviver e revelar, para as gerações futuras, os crimes cometidos na esperança de que tais fatos não se repitam.

Não é incomum que relatos de testemunho sejam jogados ao esquecimento, seja por força do vencedor, seja por falta de vontade de terceiros desejarem ouvir. Paul Ricoeur, em *A memória, a história o esquecimento*, rebate os equívocos acima lembrando que “garantir que tal coisa

ocorreu, certificá-lo, equivale a uma promessa a respeito do passado” (RICOEUR, 2007, p. 174). O autor observa ainda que a memória de testemunho passa por uma espécie de acoplamento de frases que funcionam como “garantidoras: “eu estava lá”, “acreditem em mim”, para, posteriormente acrescentar a mais desafiadora: se não acreditam em mim, perguntem a outra pessoa” (RICOEUR, 2007, p. 172-173).

Essa manutenção aproxima o testemunho da promessa, mais precisamente da promessa anterior a todas as promessas, a de manter a palavra. O testemunho vem assim se unir à promessa em meio aos atos de discurso que especificam a ipseidade em sua diferença da simples mesmidade, aquela do caráter, ou melhor, da forma genética, imutável da concepção à morte do indivíduo, alicerce biológico de sua identidade. A testemunha deve ser capaz de responder por suas afirmações diante de quem quer que lhe peça conta delas (RICOEUR, 2007, p. 174).

Escrever para esquecer

Anne Frank relata que estudava diariamente, lia muito porque “O único jeito de espairer é estudar, e eu tenho estudado bastante” (FRANK, 1974, p. 103). Em *Mal-estar da civilização* (1929), Freud diz que o homem pode evitar o sofrimento de várias formas: pelo uso de entorpecentes, pela meditação, que tem por finalidade a liquidação dos instintos, ou pelo deslocamento da libido, ou seja, por meio das satisfações internas, independentemente do mundo exterior. Em 1894, em *As neuroses e as psicoses de defesa*, utilizou a expressão *mecanismos de defesa* pela primeira vez. A fim de poder suportar o cotidiano entediante e o medo constante de ser descoberta, Anne tentou gratificações substitutivas – no caso, seu relato a Kitty, os estudos e, em um terceiro momento, a paixão que desenvolveu por Peter: “o melhor de tudo isso é que posso escrever o que sinto e o que penso, do contrário estaria totalmente sufocada” (p. 157).

Anne utiliza-se recorrentemente da tentativa da sublimação, pois, mesmo encerrada em um local tão insalubre – poucos recursos, higiene inadequada, roupas que não serviam mais – tenta se consolar quando se lembra dos seus compatriotas que não puderam escapar. Quando suas forças esmaecem, agradece a Deus por pelo menos estar junto com seus pais e com amigos e faz preces por todos aqueles que não conseguiram se salvar: “Deveria estar sempre alegre, contente e feliz, a não ser quando penso nela [amiga que foi a um campo de concentração] e em seus companheiros de infortúnio. Sou egoísta e covarde” (p. 115).

O tempo passava e não se vislumbrava o desfecho da guerra; o desânimo, então, começou a se instaurar e as tentativas de driblar o sofrimento e a angústia já não funcionavam. O grupo – cada vez mais nervoso e desesperançado – tinha dificuldades de vencer a si mesmo. Por

estarem confinados em ambiente tão restrito e cheio de limitações, as famílias já não se entendiam: “O pior de tudo é o tédio que nos deixa a todos, uma pilha de nervos” (p. 154). Anne relata a Kitty que “as relações entre nós pioram a cada dia” (p. 101). Em 26 de maio de 1944, perfazendo quase dois anos de exílio, questiona se não teria sido melhor não terem se escondido, estarem mortos em vez de passarem por toda aquela miséria. Lembra-se dos protetores que estavam se arriscando para socorrê-los. Desabafa então: “Que venha o fim, por pior que seja; pelo menos havemos de saber se vencemos ou perdemos” (p. 210).

A guerra altera o sentimento de pertencimento; logo, a pátria pode despertar o sentimento de repulsa. Anne, em várias ocasiões, afirma que não quer ser alemã: “E pensar que eu já fui alemã! Não, Hitler retirou nossa nacionalidade há muito tempo. Na verdade, alemães e judeus são os maiores inimigos do mundo” (p. 42). Essas afirmações podem ter origem por ela ter chegado muito pequena à Holanda, mas o comportamento de seus conterrâneos é o que mais a afasta de seu país natal: “Meu primeiro desejo, depois da guerra, é tornar-me holandesa. Amo os holandeses, amo este país, amo este idioma e quero trabalhar aqui” (p. 182). Conforme o conflito avançava, a menina já se considerava expatriada: “Eu, que, não tendo país natal, esperava que a Holanda pudesse se tornar minha pátria. Ainda tenho esperança de que assim seja” (p. 208).

Por que a guerra?

Como o antissemitismo propagou-se com tanta intensidade? Havia um descontentamento do povo alemão com a situação de penúria na qual o país se encontrava, justamente a Alemanha que, até 1932, já havia ganho 33 dos 100 prêmios Nobel de Ciência: “a supremacia germânica era indiscutível: conjugava força militar e eficiência econômica, tendo a pesquisa científica como base para a indústria” (BARIFOUSE, 2009). Ao mesmo tempo, uma mal-intencionada autopromoção do partido e do nacionalismo, idealizada por Paul Joseph Goebbels – braço direito de Hitler e Ministro da Propaganda e Esclarecimento Popular –, colaborou com essa mentalidade, enfatizando o orgulho de ser alemão, povo (raça) superior aos demais povos. Goebbels foi o responsável pela criação do mito *Führer* e, para esse intento:

Produzia filmes emocionantes divulgando o nazismo. Neles mostrava uma Alemanha melhor, próspera e feliz com a supremacia da raça ariana. Seus filmes estimulavam o preconceito étnico, a xenofobia, o patriotismo e o heroísmo e condenavam os judeus, alegando que eram culpados de acumular riquezas, explorando o povo (DEMERCINDO JR.).

Para consolidar esse ideário, Goebbels censurou toda a imprensa alemã, fechando jornais, editoras e emissoras de rádio e televisão. Milhares de alemães filiaram-se ao partido e

contribuíram para o holocausto de Hitler, torturando e matando seus próprios compatriotas. Carecem atenção especial os ditos famosos de Goebbels, como o que abomina o ano de 1789, ou seja, uma alusão à Revolução Francesa, cujos ideais eram a liberdade, a igualdade e a fraternidade e, ainda, que “uma mentira dita cem vezes se torna verdade” (DEMERCINDO JR.). Para o professor da USP, Francisco Alambert, “se Hitler não tivesse existido, o século XX seria menos bárbaro”; ao mesmo tempo, define esse ditador como: “a mais perfeita tradução do horror moderno” (AVENTURAS NA HISTÓRIA, 2013, p. 39).

Em *Moisés e o monoteísmo*, Freud, em uma nota preambular, escrita ainda em Viena (1938), afirma que o povo alemão recaiu em “uma barbárie quase pré-histórica”. Exilado em Londres, já a salvo, no mesmo ano, escreveu que: “Na certeza de que seria agora perseguido não apenas por minha linha de pensamento, mas também por minha ‘raça’, acompanhado por muitos de meus amigos abandonei a cidade que, desde minha primeira infância, fora meu lar durante setenta e oito anos”.

Albert Einstein e Freud trocaram missivas a fim de tentarem explicar os motivos que levam os homens aos conflitos. Essas cartas originaram o texto *Por que a guerra?* (1932). Freud responde a Einstein que “[...] o homem encerra dentro de si um desejo de ódio e de destruição” (1932), alertando que, pelo aperfeiçoamento dos instrumentos de destruição, uma guerra futura poderia aniquilar um dos antagonistas ou, quem sabe, ambos. Anne, mesmo desconhecendo esses escritos, questiona-se: “De que adianta esta guerra? Por que não se pode viver em comum e em paz? Para que essa destruição?” (1974, p. 195). Embora com apenas quinze anos, fez as mesmas elucubrações que os cérebros mais privilegiados da humanidade.

A menina pergunta-se por que serem fabricados aviões cada vez mais gigantescos, bombas mais poderosas e, ao mesmo tempo, casas pré-fabricadas para reconstrução dos prédios bombardeados. Questiona os milhões, gastos diariamente, enquanto faltava comida, remédios, agasalhos. Em *O mal-estar da civilização* (1929), Freud antecipou as mesmas ideias: “A questão fatídica para a espécie humana parece-me ser saber se, e até que ponto, seu desenvolvimento cultural conseguirá dominar a perturbação de sua vida comunal causada pelo instinto humano de agressão e autodestruição”, ou seja, o homem é um animal gregário, mas não consegue viver em sociedade e respeitar a seus semelhantes. Charles Chaplin, em seu discurso, no filme *O grande ditador*, repetiu as mesmas constatações: “O avião e o rádio aproximaram-nos. A própria natureza dessas invenções clama pela bondade do homem, um apelo à fraternidade universal, à união de todos nós” (CHAPLIN, 1940). Anne se pergunta: “Oh, por que os homens são tão malucos?” (p. 195). Ela mesma conclui:

O homem comum é tão culpado quanto eles, senão os povos já se teriam insurgido, revoltados. Simplesmente, existe nas criaturas uma verdadeira sanha de destruir, de matar, assassinar, e até que a humanidade inteira sofra uma grande transformação, explodirão novas guerras e tudo o que foi construído, cultivado e plantado será novamente destruído e desfigurado. Aí então a humanidade terá que recomeçar tudo outra vez (FRANK, 1974, p. 195).

Anne Frank, ao acentuar esse desejo permanente do humano de destruir, leva à *Guerra aérea e literatura*, de W. G. Sebald (2011). Nessa obra, o autor apresenta uma espécie de “outro lado da moeda”, ou como a sociedade civil alemã viu e suportou as atrocidades cometidas durante a Segunda Guerra Mundial. O autor confessa que, embora não tenha participado do conflito, nunca conseguiu entender os motivos dos alemães evitarem falar sobre os acontecimentos daquele período, ainda que também tenham sido trucidados pela maior e mais eficiente máquina de guerra utilizada até então: os bombardeios aéreos.

Ao olhar para o passado, frisa o autor: “em particular para os anos de 1930 até 1950, trata-se sempre de um olhar e desviar de olhos simultâneos” (SEBALD, 2011, p. 08). Baseando-se em documentos oficiais, Sebald revela que apenas a força aérea britânica lançou um milhão de toneladas de bombas sobre a zona inimiga, atingindo 131 cidades, algumas uma vez, outras repetidas vezes. Mesmo após tamanhas destruições “as pessoas se moviam ‘pelas ruas entre as ruínas medonhas como se, na verdade, nada houvesse acontecido e [...] esse sempre tivesse sido o aspecto da cidade’, diz uma anotação feita por Alfred Döblin no sudoeste da Alemanha, datada do final de 1945”.

[...] a guerra aérea deixou em torno de 600 mil vítimas civis na Alemanha; que 3,5 milhões de residências foram destruídas; que, no final da guerra havia 7,5 milhões de desabrigados; que, em Colônia, a cada habitante correspondiam 31,4 metros cúbicos de escombros e, em Dresden, 42,8 – mas mesmo assim, não sabemos o que tudo isso significava de verdade. (SEBALD, 2011, p. 13-14).

*Educação após Auschwitz*⁷, de Theodor Adorno, filósofo da Escola de Frankfurt, é um texto que se detém em como coibir atitudes pré-históricas dos seres dito evoluídos: “a barbárie continuará existindo enquanto persistirem no que têm de fundamental as condições que geram esta regressão”. “Com Mao e Stalin, Hitler é um dos personagens cujo perfil torna obrigatório incluir uma contagem de cadáveres – 11 milhões [...] em execuções, massacres e campos de extermínio” (AVENTURAS NA HISTÓRIA, 2013, p. 39). Anos após os episódios mais dolorosos de que se tem notícia no século XX, Adorno, já radicado nos Estados Unidos após fuga da Alemanha, insiste

⁷ *Educação após Auschwitz* foi uma palestra transmitida na rádio de Hessen, em 18 de abril de 1965, publicada em *Zum Bildungsbegriff der Gegenwart*, em Frankfurt, no ano de 1967.

que, se as pessoas tivessem delatado o que viam e sabiam, ao invés de se calarem, a situação poderia ter sido diferente:

O que se chama de “participação oportunista” era antes de mais nada interesse prático: perceber antes de tudo a sua própria vantagem e não dar com a língua nos dentes para não se prejudicar. Esta é uma lei geral do existente. O silêncio sob o terror era apenas a consequência disto. A frieza da mônada social, do concorrente isolado, constituía, enquanto indiferença frente ao destino do outro, o pressuposto para que apenas alguns raros se mobilizassem. Os algozes sabem disto; e repetidamente precisam se assegurar disto.

Continua Adorno dizendo que não adianta apelar para os valores eternos, “acerca dos quais justamente os responsáveis por tais atos reagiriam com menosprezo”, pois poder ficar ao lado do poder, curvar-se ao mais forte, constitui um dos traços da índole dos algozes. Lembra que os responsáveis pelos massacres nos campos de concentração eram, em sua maioria, jovens filhos de camponeses. O alerta que esse filósofo traz é da ameaça da identificação cega com o coletivo, com a possibilidade de fazer parte de um grupo seletivo e vencedor por pessoas que jamais teriam oportunidade semelhante: “mas que haja pessoas que, em posições subalternas, enquanto serviçais, façam coisas que perpetuam sua própria servidão, tornando-as indignas [...] contra isto é possível empreender algo mediante a educação e o esclarecimento”. Anne Frank confirma a obediência cega e patriótica dos alemães, os quais se sentiam felizes por terem cumprido o dever de defender a Alemanha e de idolatrar o Partido. Cita como se comportaram em entrevista feita quando de sua volta dos campos de combate: “Os feridos pareciam orgulhar-se de seus ferimentos – quanto mais, melhor. Um deles ficou tão emocionado de apertar a mão do Führer [...] que mal conseguiu gaguejar algumas palavras” (FRANK, 1974, p. 69). Adorno cita *Psicologia das massas e análise do eu*, de Freud, cujas ideias corroboram seu ponto de vista:

Um grupo impressiona um indivíduo como sendo um poder ilimitado e um perigo insuperável. Momentaneamente, ele substitui toda a sociedade humana, que é a detentora da autoridade, cujos castigos o indivíduo teme e em cujo benefício se submeteu a tantas inibições. É-lhe claramente perigoso colocar-se em oposição a ele, e será mais seguro seguir o exemplo dos que o cercam, e talvez mesmo ‘caçar com a matilha’. Em obediência à nova autoridade, pode colocar sua antiga ‘consciência’ fora de ação e entregar-se à atração do prazer aumentado, que é certamente obtido com o afastamento das inibições (FREUD, 1921, p. 41).

Considerações finais

Guerras, batalhas, conflitos étnicos ou religiosos; não importa o motivo, sempre houve dissensões em um mundo tão plural e tão imenso. Analisando-se os tempos primevos, acreditava-se que os litígios deviam-se à ignorância e à falta da cultura das primeiras organizações humanas.

No intermédio dos séculos XIX e XX, no entanto, a Terra conheceu um avanço tecnológico sem precedentes com descobertas nunca imaginadas pelos primeiros homínidos e o mundo encurtou suas distâncias; porém, o desenvolvimento intelectual serviu não só para o bem-estar da civilização mas também para produzir armas em massa, mais precisas e mais devastadoras, capazes de destruírem mais pessoas em menos tempo.

Um olhar mais atento mostra que o ódio de Hitler para com as minorias raciais não era uma novidade. Em 1888, Nietzsche, em *O anticristo e ditirambos de Dionísio* já havia sido implacável com os judeus, ao considerar que seriam eles os responsáveis por subverter a ordem natural da religião, da moral, da história e até da psicologia, ainda que essa obra esteja relacionada à moral cristã.

Os judeus são o povo mais singular da história universal, pois, colocados ante a questão do ser ou não ser, preferiram o ser a todo o custo, com deliberação perfeitamente inquietante: esse custo foi a radical *falsificação* de toda a natureza, naturalidade e realidade, de todo o mundo interior e também do exterior. Eles puseram-se à parte, contrariamente a todas as condições nas quais era possível, era permitido um povo viver até então, eles criaram a partir de si mesmos um conceito oposto às condições naturais – eles inverteram, sucessivamente e de modo incurável, a religião, o culto, a moral, a história, a psicologia, tornando-os a contradição de seus valores naturais. [...] Os judeus são, justamente por isso, o povo mais fatídico da história universal: em seu prolongado efeito, eles falsearam de tal modo a humanidade, que ainda hoje o cristão pode ter sentimento antijudeu, sem compreender-se como a derradeira consequência do judaísmo. (NIETZSCHE, 2007, p. 29).

A humanidade, de uma forma ou de outra, pelos mais variados profetas, sempre foi lembrada da necessidade imperiosa de conviver harmoniosamente. Os egípcios criam, no tempo do Império Antigo, que deveriam viver de forma que, quando morressem, seu coração deveria equivaler-se em peso a uma pena; fato que induzia as pessoas a se tratarem bem, sem cometerem atos perversos. Os persas, por sua vez, ao basearem-se em Zaratustra, deveriam ter conduta adequada, respeitando-se mutuamente, temendo penas futuras. Dois mil anos atrás, o mundo ocidental conheceu o cristianismo, que pregava o amor ao próximo como a si mesmo. Freud, no entanto, foi categórico, em *Mal-estar da civilização*, dizendo que as religiões não foram capazes de inibir o comportamento instintivo do ser humano. Adorno afirma que a tecnologia se sobrepôs aos valores morais: “Os homens inclinam-se a considerar a técnica como sendo algo em si mesma, um fim em si mesmo, uma força própria, esquecendo que ela é a extensão do braço do homem” (ADORNO, 1965).

O diário de Anne Frank é um relato que emociona os leitores ainda hoje. Conforme as páginas avançam, o leitor, que já conhece o final dessa dolorosa história, compadece-se com esse drama oculto, narrado em um diário guardado por acaso. O relato dessa adolescente serve como

um testemunho de momentos que a história não pode esquecer; um alerta a todos aqueles que duvidam de que tamanha crueldade e omissão puderam existir. É uma leitura indispensável a que se pense a forma como o homem dito civilizado trata as diferenças de ideias, religiões, posturas; contendas que ainda permanecem de forma velada em algumas nações, mais contundente em outras, mas igualmente fomentadoras do ódio e da destruição.

Apesar de todas as tragédias, coletivas ou individuais, que o mundo vivenciou, o ser humano ainda não aprendeu a que ponto pode chegar o ódio desmedido, pois não consegue conviver com as diferenças. Freud, em *Psicologia das massas e a análise do eu*, explica o que desde sempre se tenta entender, o porquê das guerras: “Nas antipatias e aversões indisfarçadas que as pessoas sentem por estranhos com quem têm de tratar, podemos identificar a expressão do amor a si mesmo, do narcisismo”.

Referências

A CASA onde Anne Frank escreveu seu diário agora é centro mundial de jovens. *Folha de São Paulo*. 29 set. 1985. Disponível em: < http://almanaque.folha.uol.com.br/leituras_12jun00.htm>. Acesso em: 28 jul. 2013.

A CULTURA no Terceiro Reich: disseminação da visão de mundo nazista. *Enciclopédia do Holocausto*. Disponível em: <<http://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10007519>>. Acesso em: 03 ago. 2013.

ADOLF Hitler. A personalização do mal levou a barbárie à civilização: dez pessoas que forjaram nosso tempo. *Revista Aventuras na História*. São Paulo: Editora Abril. Edição 121, p. 39, ago. 2013.

ADORNO, Theodor. *Educação após Auschwitz*. (1965) Tradução: Wolfgang Leo Maar. Disponível em: <<http://adorno.planetaclix.pt/tadorno10.htm>>. Acesso em: 04 ago. 2013.

ARRUDA, José Jobson de A.; PILETTI, Nélon. *Toda a História: história geral e história do Brasil*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1996.

ASCENSÃO do Nazismo. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ascens%C3%A3o_do_nazismo>. Acesso em: 25 jul. 2013.

BARIFOUSE, Rafael. *A fuga de cérebros da Alemanha nazista*. Publicado em 06 fev. 2004. Atualizado em 14 out. 2009. Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/noticias/historia-da-ciencia-e-epistemologia/a-fuga-de-cerebros-da-alemanha-nazista>>. Acesso em: 28 jan. 2012.

CHAPLIN, Charles. O último discurso. In: *O grande ditador*, 1940. Disponível em: <<http://www.culturabrasil.pro.br/chaplin1.htm>>. Acesso em: 01 ago. 2013.

DEMERCINDO JR. *Propaganda nazista*. Brasil Escola. Disponível em:

<<http://www.brasilecola.com/historiag/propagandanazista.htm>>. Acesso em: 02 ago. 2013.

DIÁRIO de Anne Frank é incluído em lista de documentos importantes da Unesco. *Folha Uol*. 31 jul. 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u603026.shtml>>. Acesso em: 25 jul. 2013.

ESCARPIT, Robert y otros. *Lo literário y lo social in hacia una sociologia Del hecho literário*. Madri: Edicusa, 1974.

FRANK, Anne. *O diário de Anne Frank*. São Paulo: Círculo do Livro, 1974.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar da civilização*. Disponível em: < <http://livrosbpi.com/>>. Acesso em: 28 jan. 2012.

_____. *Psicologia das massas e a análise do eu* (1921). Disponível em:

<http://www.clube-de-leituras.pt/upload/e_livros/clle000128.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2013.

_____; EINSTEIN, Albert. *Um diálogo entre Freud e Einstein: por que a guerra?* Disponível em: <<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05620.pdf>>. Acesso em: 07 fev. 2012.

HOLOCAUSTO. *Enciclopédia do Holocausto*. Disponível em: <<http://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005143>>. Acesso em: 17 dez. 2013.

JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In: JAUSS, Hans Robert. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. São Paulo: Paz e Terra, 1979. Tradução de Luiz Costa Lima.

OS JUDEUS na Alemanha antes da guerra. *Enciclopédia do Holocausto*. Disponível em:

<<http://www.ushmm.org/outreach/ptbr/article.php?ModuleId=10007687>>. Acesso em: 03 ago. 2013.

NIETZSCHE, *O anticristo e ditirambos de Dionísio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PROGRAMA Memória do mundo. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Programa_Mem%C3%B3ria_do_Mundo>. Acesso em: 28 jul. 2013.

RICCEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa, a intriga e a narrativa histórica*. v. 1. São Paulo: Martins Fontes, 2010. Tradução de Hélio Salles Gentil.

SANTOS, Fabrício. *De onde veio o nazismo?* Brasil Escola.

Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/historiag/de-onde-veio-nazismo.htm>>. Acesso em: 02 ago. 2013.

SEBALD, W. G. *Guerra aérea e literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória e literatura: o testemunho da história das catástrofes*. São Paulo: Unicamp, 2007.

_____. *Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes* (2008). Disponível em: <http://www.scielo.php?script=sci_arttex8pid=S0103>. Acesso em: 12 ago. 2013.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 2009.

_____. *Brás Cubas autor*. Machado de Assis leitor. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2012.

Jairo Jair Martins

Doutorando do PPG em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na área de Literatura Portuguesa e Mestre em Teoria da Literatura (UPF).
Contato: <jairomartins58@hotmail.com>.

Márcia Rodrigues Gonçalves

Doutoranda do PPG em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na área de Literatura Portuguesa e Mestre em Linguística Aplicada (PUCRS).
Contato: <mrg18@terra.com.br>.

Enviado em 30 de dezembro de 2013.

Aceito em 20 de abril de 2014.